

BS

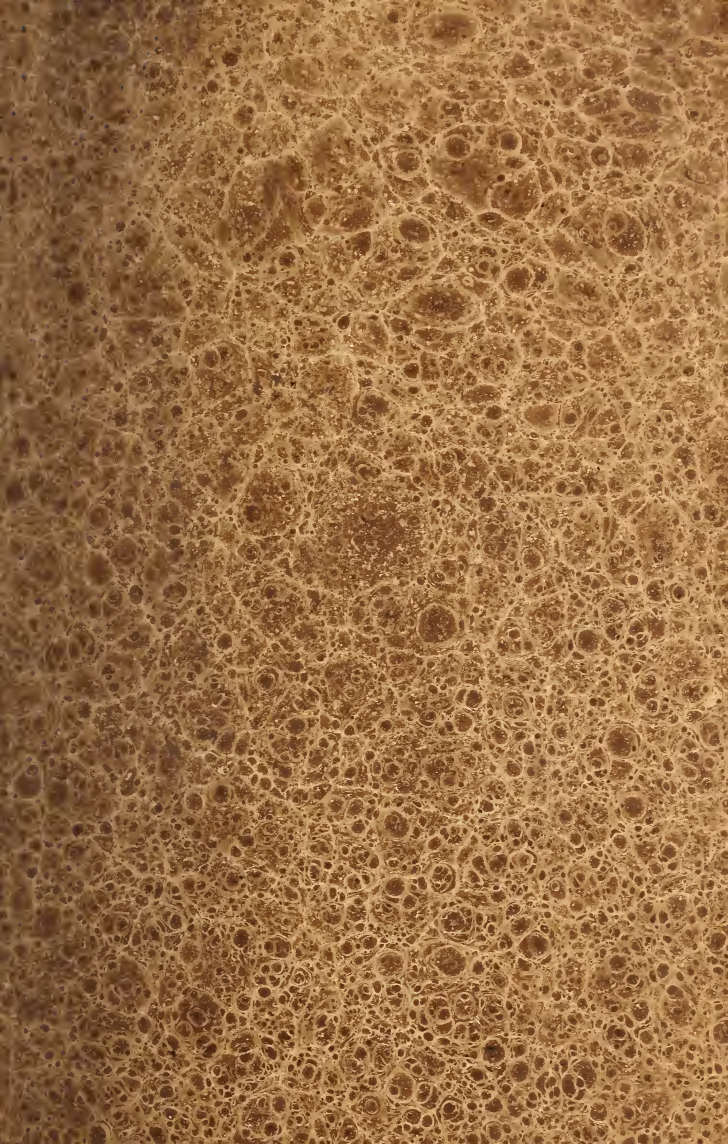
1443

.P6A4



Class BS1443

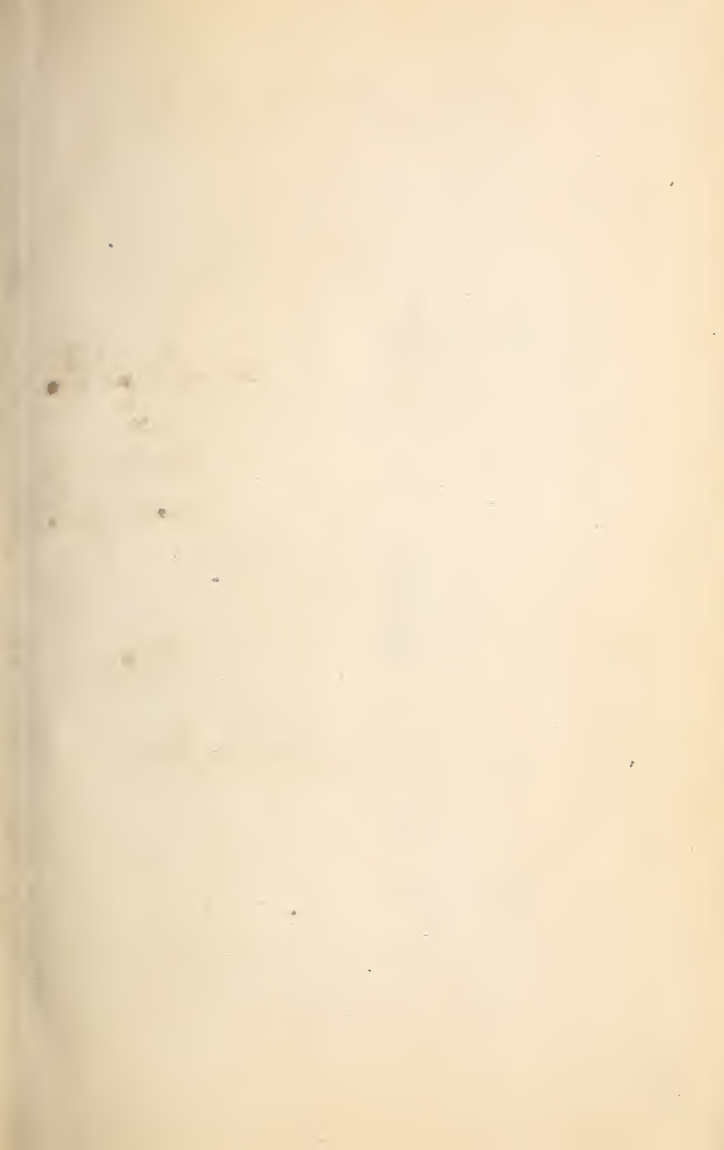
Book P6A4

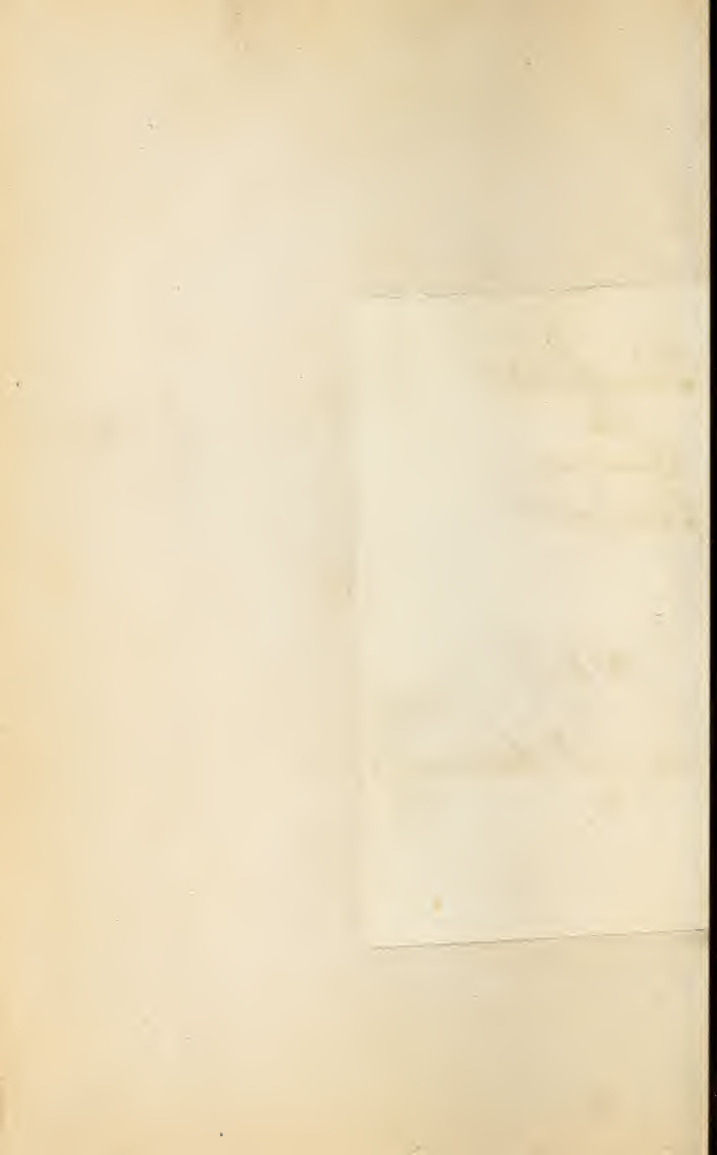
















BS1443

.P6 A4

387270

'29

## AOS LEITORES.

COSTUMÃO os Editores recommendar as obras, que fazem imprimir, com estudadas expressões, e cançados prologos : a mim basta-me para chamar a attenção publica á presente Paraphrase annunciar o nome da sua Auctora = a Illustrissima e Excellentissima Senhora Condeça de Oeynhausen. = O reconhecido merecimento desta insigne Cantora Portugueza he superior a elogios, a pezar dos louvores, que lhe tem consagrado os maiores genios do nosso seculo : hum delles (1) se exprime com esta vehemencia, e belleza.

Qual Sapho Lusa a despedir Luzeiros  
 . . . . . desce d'altas  
    Penedias do Pindo,  
 Em seu regaço as do matiz mais vivo  
 Flores colheo, que esparge a dextra prodiga,  
 Infeite, e aromas dando á terra, ás gentes.  
 Apollo a mão lhe dá: Clio, Calliope  
 Lhe vem mil doces vozes susurrando  
    Comões Divino ao lado.

---

(1) Filinto Elysio.

C'roa immortal, que as Musas hão tecido,  
Para gloria d'Alcippe, (2) ás Nações mostra,  
Ufano das Lições, que á Alumna déra.

Por isto, e pela lição da parafrase, o Editor mostrará não ser excessivo.

*F. M. da T.*

---

(2) A mesma Senhora Condeça.

---

 P S A L M O VI.

*Domine, ne in furore tuo arguas me. . .*

**N**o teu furor não me arguas ;  
 Não me castigues, Senhor,  
 Quando accendo a tua colera,  
 E provoco o teu rigor,

Sou enfermo, dá remedio.  
 A tão dura enfermidade :  
 Meu ossos tremem. . . . vacillo. . . .  
 Meu Deos! tem de mim piedade!

A tristeza mais profunda  
 Involve minha alma afflicta ;  
 Pouco a pouco dôr, angustia  
 Minha força debilita.

Meu animo atribulado  
 Me diz no peito que morro :  
 Mas tu, Senhor, até quando  
 Me has de negar teu soccorro !

Volta para mim teu rosto,  
 Salva minha alma: conheço  
 Que isso hê pura mis'ricórdia,  
 Que por mim nada mereço.

Em quanto vivo, celebro  
 Sobre a lyra teus favores:  
 Se morro, cantarão cinzas  
 Tua gloria, teus louvores? . . .

Que espessa treva m'encobre  
 A luz, e m'ennoita a mente!  
 Como o mal que soffro apaga  
 Sol, e terra de repente!

Choro afflicto dia e noite:  
 E quando os mais vão dormindo,  
 Vigio, agito-me, soffro,  
 Meus infortunios carpindo,

Meus olhos intumecidos  
 Jórrão lagrimas ardentes,  
 Que o meu triste leito inundão  
 Quaes despenhadas torrentes,

Quanto me cerca, me afflige,  
 Precipicios, laços varios;  
 Inimigos despiçados,  
 Da iniquidade operarios,

Fugi, apartai-vos, perfidos:  
 Torno á lyra, torno ao canto;  
 Parti, barbaros, e cessem  
 Tantos suspiros, e pranto.

O meu Deos benigno acolhe  
 Minhas preces consternadas:  
 Ante o seu immortal throno  
 Submissamente levadas.

Vencidos meus inimigos  
 Retirem-se velozmente:  
 Envergonhem-se dispersos,  
 E triumphe hum Deos Clemente.

---

## P S A L M O XXXI.

*Beati, quorum remissæ sunt iniquitates:*

**F**ELIZ, de quem as culpas perdoadas,  
 E as iniquas acções no olvido eterno  
 Tem por Deos compassivo acobertadas.  
 Feliz, o que sincero, e arrependido  
 Mereceo que o Senhor não lhe imputasse  
 Os peccados, que tinha commettido.

Tardei, muito tardei a arrepende-me:  
 Calei-me; e suspirava, não cessando  
 O remorso pungente de roer-me.  
 Desfaleci de pena, e mal constricto  
 Dessecava-me o susto, desmaiava  
 Dia e noite, encarando o meu delicto.  
 A tua mão severa noite, e dia,  
 Aggravava esta dôr: e eu como arbusto,  
 A que falta o calor do Sol, morria.  
 Tarde em fim declarei o meu delicto:  
 Nada escondi, mostrei minha injustiça:  
 Teu perdão consternado solicito.  
 Disse; Senhor, pequei, e tu me ouvistes:  
 Confessei contra mim minha maldade:  
 Tu piedoso a meu pranto não resistes.  
 Os justos, que me vêm arrependido,  
 E te observão, Senhor, menos irado,  
 Tem para mim perdão também pedido.  
 Humildes preces fazem por livrar-me,  
 D'alluvião das aguas tragadoras,  
 Onde meus erros hião abismar-me  
 Tu es o meu refugio, tu reparas  
 Que nas tribulações m'involvo, e gemo:  
 Para alentarmos auxilios me deparas.  
 Salvo então, d'Harpa as cordas afinando,  
 A tua gloria canto, e teus louvores,  
 E meus hymnos tu mesmo vás dictando.  
 Dizes-me: Eu te darei intelligencia,  
 Eu te abrirei caminho recto, e santo:  
 Confirmarei teus passos na innocencia,



Liberto hirás teus cantos proseguindo,  
 Os meus olhos attentos em ti fixo,  
 E com celeste amor te hirei ouvindo.  
 Mas da razão não fujas, qual sem tino  
 Indomito corcel, que recalcitra,  
 Animal que em vão quer domar ensino.  
 Pois quanto mais os impios se enbravecem,  
 Mais lhes constrange as fauces duro freio,  
 Cõ que os suspende o Deos que desconhecem.  
 Mil flagellos perseguem peccadores,  
 Que de justa vingança procedidos,  
 São de penas eternas precursores.  
 Nas azas da esperança equilibrados,  
 Os justos no Senhor a vista empregão:  
 E são de mis'ricordia rodeados.  
 Alegrai-vos em Deos, Justos ditosos,  
 E gozai das delicias, que elle outorga  
 Aos rectos corações, aos virtuosos.

---

## P S A L M O XXXVII.

*Domine, ne in furore tuo arguas me:*

**N**ão me arguas, Senhor, em quanto irado:  
 Não me castigues não, em quanto dura  
 Furor, que te inspirei desacordado.

Em mim, as tuas flexas aguçadas  
 Já profundas feridas me fizeram,  
 Que exacerbáram tuas mãos pezadas.

Em mim não ha porção, que sã ficasse  
 Perante a tua colera ; nem ossos  
 Que a vista de meus crimes não quebrasse.

Como as ondas do mar encapelladas,  
 Minhas iniquidades me parecem,  
 Sobre mim com grão pezo accumuladas.

A corrupção ganhou meu fraco peito,  
 As chagas da minha alma gangrenarão :  
 Das minhas illusões funesto effeito.

Miseravel andei, triste, curvado,  
 Submergido na dôr, peregrinando  
 Por mil loucos vaneos enganado.

Esperanças falsarias corrompêrão  
 Com devorante fogo a minha mente :  
 E o vigor da saude me abatêrão.

Com profunda afflicção formo rugidos :  
 Humilhado não sei onde me esconda ;  
 Nem como arranque d'alma os meus gemidos.

Porém tu, meu Senhor, tu bem conheces  
 O meu desejo todo : a ti patentes  
 Estão meus ais . . . e não me fortalesses !

Meu coração turbado apenas bate :  
 Esvaeie-se-me a força, perco o tino,  
 De meus olhos a vista se rebate.

Nas trevas me revolvo, como hum cêgo :  
 E se apercebo alguem, são os parentes,  
 E amigos, que me fojem com despego.

Aquelles que julguei inseparáveis,  
 Também se apartão . . . lá de longe observão  
 Indolentes, meus males innegáveis.

Alguns mesmo sem pejo se arremeçam  
 Contra mim, ajudando os meus contrarios,  
 E a opprimir-me com fraudes já começam.

Outros me accusão de erros, nem sonhados,  
 Urdem tramas de mil falsos delictos,  
 Cumplice author, me chamão, depravados.

Contra tanta calunnia, tanta injuria  
 Minha boca afferrolho, calo e deixo:  
 A indefesa innocencia, alvo da furia.

Tudo soffro; e por mais que ladre a inveja,  
 Não ouço, nem respondo: assim parece  
 Que ou surdo stupido, ou qual mudo eu seja.

Quero que me defendas, Deos piedoso:  
 De ti venha, meu Deos, todo o soccorro:  
 Que has de compadecer-te espero ancioso.

Já te disse, Senhor, que humilde aceito  
 Da tua mão castigos, se tu queres:  
 Quebra de contrição este meu peito.

Recebo alegre os golpes com que feres:  
 São justos; mas he barbaro, insofrivel  
 Que inimigos assumão teus poderes:

Que me insultem, que rião cruelmente  
 Das minhas desventuras, e accelerem  
 Minha queda, que vem quasi imminente.

Ah! Senhor, se porém tudo isto ordenas,  
 Aqui estou preparado a soffrer tudo:  
 Accresça este flagello ás minhas penas.

Quando penso na minha iniquidade,  
 Nos meus peccados, e na tua grandeza  
 Muito avulta a meus olhos tua piedade.  
 Réo sou para contigo, eu to confesso,  
 Em paz hei de soffrer os teus rigores,  
 Inda he pouco a vingar-te, o que padeço.  
 Mas, Senhor, ah! perdoa, se exaspero  
 Co' animo d'aquelles que me ultrajão,  
 He por ventura bom? puro? sincero?  
 Não são elles os réos desses delictos,  
 De que sem dó me accusão, sem verdade?  
 Fação fé do que digo meus escritos.  
 Elles porém contentes, e arrogantes  
 Vão vivendo seguros, e augmentando  
 As turbas de malvados, insultantes.  
 Sem justiça co' o mal o bem me pagão,  
 É com opprobrios perfidos me infamão,  
 Que fiz? Porque razão assim me estragão?  
 Será porque sou manso, amo o socego?  
 Porque nunca offendi nenhum vivente?  
 Acode-me, meu Deos, a ti me entrego,  
 Não me abandones não: senão me acodes  
 A quem recorrerei em tal conflicto?  
 Salva-me pois, Senhor, pois só tu podes.

## P S A L M O L .

*Miserere mei Deus, secundum magnam. . .*

**P**ERDOA-ME, Senhor, proporcionando  
 Das tuas mis'ricordias á grandeza,  
 Remedio ao mal, que afflicto estou chorando:  
     E pela tua piedade  
 Delida fique a minha iniquidade.

Amplamente me lava nodos tantas,  
 Com que medonhos erros me mancharão:  
 Purifiquem, meu Deos, lagrimas santas  
     Restos desse peccado,  
 Com que sinto meu peito inda aggravado.

Reconheço, Senhor, minha malicia:  
 O meu peccado sempre tenho á vista,  
 Faz-me horror, quanto nelle achei delicia.  
     Pequei <sup>senhor</sup> ~~contra ti~~, pequei,  
 Ao mal ante os teus olhos me entreguei.

Para justificar tuas sentenças,  
 Teus Sagrados Oraculos, confesso  
 Quantas fiz contra ti crueis offensas;  
     E quando me julgares,  
 Verão justa a vingança, que tomares.

Sim, concebido fui na iniquidade:  
 Na culpa me gerou quem me deu vida;  
 Mas tu, Senhor, que amavas a verdade,  
     Em minha alma a estampaste,  
 E occulta sapiencia me ensinaste.

Recorro a ti, diffunde graça ingente,  
 Asperge-me co' hysopo saudavel:  
 E puro ficarei, de delinquente,  
     Mais do que a neve pura  
 Luzirei, revestido de candura.

Solta essa voz suave em meus ouvidos:  
 E o deiteite, e alegria em mim lavrando,  
 Hymnos me haõde inspirar enternecidos:  
     Meus ossos humilhados  
 Exultarão de gosto, reanimados.

Não olhes para o crime já passado:  
 Risca as iniquidades da lembrança.  
 Cria em mim coração novo, e lavado:  
     Em meu animo innova  
 Recto senso, que o bem sómente approva.

Não me recuses não tua face amavel :  
 Não retires de mim o Santo influxo  
 Do Espirito Divino ; mas saudavel  
     Move em mim alegria,  
 E os teus dons principaes de mim confia.

Então, doutrina santa promulgando,  
 Ensinarei a iniquos as veredas,  
 Por onde a Deos hão de hir-se aproximando,  
     E os impios convertidos  
 Perdão te hirão pedir já submetidos.

Perdoa-me, ah ! meu Deos, esse impio facto,  
 Que perpetrei, sanguineo, detestavel,  
 De hum criminoso amor fructo insensato  
     Perdão ! . . . Direi contente  
 Quanto a justiça tua foi clemente.

Abre, Senhor, meus labios : teus louvores  
 A minha voz espalhe em toda a parte  
 Unisona c'os celicos Cantores,  
     Hymnos altissonantes,  
 Revoem nos contornos mais distantes.

Se quizesse, Senhor, ao som da trompa  
 Sacrtficios, tambem tos offerecêra :  
 Mas de holocaustos não te apraz a pompa :  
     He mais do teu agrado  
 Hum coração contrito, e humilhado.

Espalha pois benigno, favoravel,  
 Bençãos sobre Sião: repara os muros  
 De Jerusalem triste, e deploravel:

E nesses dias faustos  
 Então te off'receremos holocaustos.

Então já dissipados os pezares,  
 Completa a expiação, puras offrendas  
 Aceitarás piedoso em teus altares,

E as victimas Sagradas  
 De listões, e de joyas adornadas.

## P S A L M O C I.

*Domine, exaudi Orationem meam. . .*

**O**UVE, Senhor, minhas preces:  
 Rompão os Ceos os meus gritos.  
 Não me apartes dos teus olhos,  
 A pezar dos meus delictos.

Presta-me, Senhor, ouvidos  
 Quando afflicto, e atribulado,  
 Em qualquer dia te invoco,  
 Lamentando o meu peccado.



Não tardes Senhor! Depressa  
Responde quando te chamo:  
Recolhe em tua mão piedosa  
Este pranto, que derramo.

Já qual fumo se evapora,  
A luz de meus poucos dias:  
E meus ossos deseccados  
Vão tornar-se em cinzas frias.

Qual combustivel madeira,  
Disposta a pegar-lhe fogo;  
Senhor, se me não acodes,  
Hão de incendiar-se logo.

O meu coração murchou-se,  
Bem como nos campos erva,  
Que os ardores do sol cresta,  
E só frescura a conserva.

Não lhe dei o fresco pasto,  
O saudavel alimento:  
Não o nutri das virtudes,  
Que serião seu sustento.

A minha dôr, meus suspiros  
As minhas forças gastarão:  
E as minhas carnes mirradas  
Aos meus ossos se pegarão.

Vivo qual o Pelicano  
 Na solidão do deserto:  
 Qual o mocho taciturno,  
 Que nas sombras vaga incerto.

Passo a noite, como passa  
 Sobre hum tecto abandonado  
 Hum passaro solitario,  
 Do seu ninho desgarrado.

Com opprobrios todo o dia  
 Me assaltão meus inimigos:  
 Com imprecações violentas,  
 Os que forão meus amigos.

Meu pão misturo com cinzas,  
 Que mal me sustenta a vida,  
 E com lagrimas amargas  
 Confundo a minha bebida.

Assim passo recordando,  
 Oh meu Deos, a tua ira;  
 Pois esta me abaixou tanto,  
 Quanto o amor teu me sobira.

Os meus dias declinarão,  
 Ou como a sombra fugirão:  
 E como hum feno segado  
 Me vem hoje, os que me virão.

Só tu, Senhor immutavel,  
 Jámais te attinge a mudança :  
 De teu nome a gloria immensa  
 Todos os tempos alcança.

Levanta-te, Deos, não tardes,  
 Tem piedade de Sião :  
 Chegou o tempo predicto  
 De ter della compaixão.

Sião! Que teus servos amão,  
 Onde só vivem seguros :  
 Ah! Senhor! estende a dextra,  
 E reedifica seus muros!

Então as nações submissas  
 Temerão teu nome santo,  
 E todos os Reis da terra  
 Hão de ouvi-lo com espanto.

Dirão que o Senhor potente  
 A Sião reedificára :  
 E neste grande prodigio  
 Sua gloria confirmára.

Dirão que os rogos humildes  
 Dos teus servos escutaste :  
 E que as orações ardentes  
 Com larga mão premeaste.

Taes portentos, transmittidos  
De huma idade a outra idade,  
Farão que as futuras raças  
Honrem sempre a Divindade.

Dirão, que olhou desde os Ceos  
Para a terra consternada:  
Que encarou co' as nossas magoas  
Desde a celeste morada.

Para escutar os gemidos  
Dos captivos maneatados:  
Para quebrar-lhe seus ferros,  
Quando á morte destinados.

A fim que seu nome excelso  
Vão contentes celebrando:  
E de Sião as venturas  
Em sacros hymnos cantando.

Povos, e Reis congregados,  
Por tão altos beneficios,  
Com jubilo farão juntos  
Os mais puros sacrificios.

Para ver tantos, que espero  
Milagres d'Omnipotencia,  
Revela-me quantos dias  
Faltão da minha existencia.

No meio de curtos dias  
Não cortes minha carreira:  
O que he, Senhor, a teus olhos  
De hum mortal a vida inteira?

Em quanto teus annos durão,  
Vão-se os seculos passando:  
Huma geraçãõ, e outra,  
Sem que mudes, acabando.

Tu já fundastes a terra,  
Os altos Ceos construiste:  
E do teu poder deriva  
Quanto hade existir, e existe.

Mas sobre esta vasta scena  
Corres rapida cortina:  
E cessa, logo que o mandes,  
Maquina tão peregrina.

Só tu, Senhor, permaneces  
Com perpetua mocidade,  
E com teus annos viçosos  
Abranges a eternidade.

Dá aos filhos dos teus servos  
Ao menos hum firme asylo,  
Onde a descendencia delles  
Goze de hum tempo tranquillo.

## P S A L M O CXXIX.

*De profundis clamavi ad te Domine. . .*

**D**o mais profundo do abysmo  
Te clamei, Senhor, piedade:  
Minha voz cançada, e rouca,  
Attende oh Deos de bondade.

Presta ouvido a meus suspiros,  
Vê meus acerbos tormentos:  
Movão-te as penas, que enlutão  
Meu peito, meus pensamentos.

Se pois condenar-me queres,  
Certo hade ser meu castigo:  
As minhas culpas são certas,  
He vão procurar abrigo.

Mas de hum Juiz tão exacto,  
Para hum Pai benigno apello;  
Tudo em Deos he dó, piedade,  
Lagrimas hão de vencello.

Sim, da tua ley me amparo :  
 Fio-me em tuas promessas  
 Para crêr, que teus rigores  
 Por minhas culpas não méças.

Confio nessas verdades,  
 Que ninguém alterar póde,  
 E que ao mortal são penhores  
 De que hum Deos sempre lhe acóde.

Desde que sôa a alvorada  
 The que toca a recolher,  
 Israel em Deos espera,  
 Descança no seu poder.

Sim, piedoso, compassivo,  
 Com redempção copiosa,  
 Virá lavar o seu povo  
 Da macula criminosa.

Elle mesmo triumphante  
 Virá quebrar nossos ferros,  
 E com torrentes de graça  
 Apagar antigos erros.

Como os que descem culpados  
 Ao centro d'hum carcer duro,  
 Se a tua face me encobres  
 Caio n'hum abysmo escuro.

Pedi, esperei, meu Deos! . . .

Acuda-me sem demora

Tua mis'ricordia immensa,

Logo que apontar a Aurora.

Gemo desde que nasce a Madrugada,

Vago, luto em cuidados, em tristeza,

Que faço! . . Aonde vou! . . . Dura incerteza! . .

Abre-me tu, Senhor piedoso, a estrada:

Ampara-me, a ti recorro:

Desarma os meus inimigos:

Es meu Deos, não ha perigos,

Que não vença o teu soccorro.

Ensina-me a cumprir os teus preceitos.

Doce aragem dissipe os meus defeitos:

Co' este propicio vento navegando,

Da Salvação ao porto hirei chegando.

Do poder do teu nome amedrentados,

Ficarão logo os impios desarmados.

Verão, meu Deos, como podes

Tribulações aplacar;

Como a tua mis'ricordia

Sabe os impios dispersar.



Sim, os meus perseguidores  
 Deos he que os ha de conter,  
 E mostrar-lhes como sabe  
 Fieis servos defender.

---

## P S A L M O LXII.

*Deus Deus meus, ad te de luce vigilo. . . .*

**A**SSIM que nos Ceos aponta  
 A primeira luz do dia,  
 Meu Deos, cheia de ternura  
 A minha alma te vigia.

Meu coração sequiso  
 Procura o meu Creador:  
 De mil modos me devóra  
 Este activo, e santo ardor.

Nos desertos, sem caminho,  
 Sem agua, sem alimento,  
 Ponho-me em tua presença,  
 E com ella me sustento.

Como no teu santuario,  
Adoro-te reverente :  
Admiro a gloria, a força  
Dessa mão omnipotente.

Mais vale, que a mesma vida  
Tua piedade, oh Senhor,  
Pronunciem os meus labios,  
Sem cessar o teu louvor.

Louvem-te em quanto eu durar :  
E minhas mãos levantando  
Em teu nome, dos Ceos desce  
Paz, que me vai confortando.

Fartem os teus dons minha alma,  
Como unção pingue, cheirosa :  
Vozes gratas solte affoita  
Minha boca jubilosa.

Cahe a Noite, e no meu leito  
Meditar em ti me agrada :  
Tão bem quero contemplar-te,  
Ao nascer da madrugada.

Porque tu es meu amparo :  
Tu foste meu defensor :  
Debaixo das tuas azas  
Me recolhe o teu amor.

A ti se pega minha alma,  
Vou-te alegre acompanhando:  
E a tua potente dextra  
He que me vai segurando.

Mas esses, que em vão procurão  
Tirar-me a vida, e fartar-se,  
Nas cavidades da terra  
Hirão cedo sepultar-se.

Sobre a cerviz criminosa  
Já pende de hum fio a espada:  
Talvez que seja das feras  
Sua carne devorada.

A innocencia triumphante  
Se alegrará no Senhor:  
Terão premio os que jurarão  
Contra o culpavel rigor.

Assim feicha Deos a boca  
Ao malvado, quando fala:  
Assim paga o soffrimento,  
Do Justo, que soffre, e cala.

Como no teu santuario,  
Adoro-te reverente :  
Admiro a gloria, a força  
Dessa mão omnipotente.

Mais vale, que a mesma vida  
Tua piedade, oh Senhor,  
Pronunciem os meus labios,  
Sem cessar o teu louvor.

Louvem-te em quanto eu durar :  
E minhas mãos levantando  
Em teu nome, dos Ceos desce  
Paz, que me vai confortando.

Fartem os teus dons minha alma,  
Como unção pingue, cheirosa :  
Vozes gratas solte affoita  
Minha boca jubilosa.

Cahe a Noite, e no meu leito  
Meditar em ti me agrada :  
Tão bem quero contemplar-te,  
Ao nascer da madrugada.

Porque tu es meu amparo :  
Tu foste meu defensor :  
Debaixo das tuas azas  
Me recolhe o teu amor.

A ti se pega minha alma,  
Vou-te alegre acompanhando:  
E a tua potente dextra  
He que me vai segurando.

Mas esses, que em vão procurão  
Tirar-me a vida, e faltar-se,  
Nas cavidades da terra  
Hirão cedo sepultar-se.

Sobre a cerviz criminosa  
Já pende de hum fio a espada:  
Talvez que seja das feras  
Sua carne devorada.

A innocencia triumphante  
Se alegrará no Senhor:  
Terão premio os que jurarão  
Contra o culpavel rigor.

Assim feicha Deos a boca  
Ao malvado, quando fala:  
Assim paga o soffrimento,  
Do Justo, que soffre, e cala.

---

P S A L M O LXXI.

*Deus judicium tuum Regi da, etc. (1)*

**O** PODER de julgar, a sapiencia  
 Concede ao Rei, meu Deos: prepara o filho  
 A reger com justiça a pobre gente,  
 Os mansos sem ventura.

Sobre o povo faminto de equidade,  
 S'incline majestoso o justo Sceptro:  
 Conforte a rectidão os desprovidos,  
 Anime-os a esperança.

Levem do povo as vozes the aos montes  
 Os applausos da paz: trasborde o gosto  
 Dos corações, e suba, qual enchente,  
 Dos vales aos outeiros.

---

(1) Paraphrase feita em 6 de Abril de 1817, dia da faustissima Acclamação de ElRei Nosso Senhor.

Virá salvar, fazer justiça ás gentes,  
 Os filhos consolar dos infelices :  
 E do calumniador a cervis dura  
     Humilhará potente.

Em quanto o Sol raiar, luzir a Lua,  
 Subsistirá seu nome: hão de acclama-lo,  
 De geração em geração passando,  
     Os ultimos viventes.

Como hum vello de lã, que ensópa chuva,  
 Como as gotas, que imbebe a terra sêcca,  
 Provarão seu influxo saudavel  
     Os animos das gentes.

Brotará nos seus dias a justiça,  
 E abundancia de paz; permanecendo,  
 Qual sereno luar, e em quanto durão  
     Os mais astros acêzos.

De hum mar a outro mar terá dominio:  
 E desde o caudaloso patrio Rio  
 Aos terminos da terra com imperio,  
     Estenderá seu mando.

Os Insulanos mesmo ante seu throno  
 Verá prostrar, beijando o chão submissos:  
 As barbaras Nações, os inimigos,  
     Assustará, tremendo.

Virão os tributarios Reis das Indias  
 Trazer-lhe offrendas ricas: os d'Arabia,  
 E os de Sabá trarão dons preciosos,  
 Que adorações indiquem.

Os Reis todos da terra, os povos todos,  
 O servirão gostosos; pois que salva  
 Do poderoso os pobres, que não têm  
 Amparo algum no mundo.

Pois que a infelizes coarcta dissabores,  
 E derrama nos animos oppressos  
 Aromatica unção, que os cura, e salva  
 De perpetuo infortunio.

Vede como distingue sabiamente  
 A verdade dos erros, como livra  
 Da iniquidade, e usura as almas puras,  
 E lhes dá nome honroso.

Immortal vivirá. A Arabia cria,  
 Para offertar-lhe, adornos, oiro puro:  
 Os humanos o adorão, todo o orbe  
 O seu nome abençoa.

A terra com vigor produz frumento:  
 Sobre os montes hirsutos sobrepujão  
 As douradas espigas alterosas,  
 Altos cedros do Libano.



Nas Cidades os homens opulentos,  
 Como as ervas dos prados abastecem,  
 Multiplicação: e as turbas numerosas  
 O seu nome celebrão.

Deos immenso! bemdito sejas sempre!  
 Por seculos teu nome a gente exalte!  
 Nome, que antes do sol, já existia,  
 Que adora o Universo.

Por elle as tribus todas numerosas  
 Benções receberão: a elle os homens.  
 Hão de glorificar perpetuamente  
 Com incessantes hymnos.

Seja o Deos d'Israel sempre louvado!  
 O Senhor, que he o author das maravilhas,  
 Que os Ceos, e a terra ostentão, com que pasmão  
 As suas creaturas!

Cheio o globo da sua magestade,  
 Do seu nome sublime, com ternura  
 Para sempre o bemdiga! Amen, Amen,  
 Cantem Anjos, e homens.

Aqui fallece a vóz mesmo ao Profeta:  
 O filho de Jessé, o cantor Regio  
 Aos mais sêres entrega enternecido  
 A cithara inspirada.

## E P I T H A L A M I O.

## NUPCIAS DE SALOMÃO.

*Coro de Mancebos, Coro de Donzellas, Coryfeo*

---

## P S A L M O XLIV.

*Eructarit cor meum verbum bonum.*

## CORYFEO.

**J**A' rompe a labareda, já trasborda  
Do coração ardendo estro sagrado:  
Rasga-se a veia, o pensamento alado,  
Fere da lyra a corda;  
E em purissimas vozes convertido,  
Ao canto dá sonóro, alto sentido.

## CORO DE MANCEBOS.

Que encantador semblante! Que belleza!  
Que fôrma especiosa! . . . Não te iguala  
Humano algum em graça, em gentileza.

Da sonóra, e doce falla  
 De teus labios purpurinos  
 Dimanhã tropos divinos,  
 Que enamoram mesmo a Deos :  
 E o Senhor que te dotou,  
 Para sempre abençoou  
 Esses puros dotes seus.

*Huma voz.*

Penda a teu lado  
 Cingida a espada,  
 Oh! Potentado,  
 Regio Senhor!

*Outra voz.*

Por entre a adústa  
 Face da guerra  
 Teu rosto assusta,  
 E inspira Amor

*Outra voz.*

Nobre fereza  
 Na marcha altiva  
 O Rei destingue,  
 Tanto em belleza,  
 Como em valor.

## CORO.

Prosegue, e reina, Oh Senhor!  
 Vem, sóbe ao throno, e contigo  
 Suba amavel mansidão,  
 A justiça, a rectidão,  
 E quantos bens traz consigo,  
 Quantos póde espalhar prodigiosa  
 Tua mão generosa.

Tuas settas agudas, disparadas,  
 Acertarão nos peitos inimigos;  
 E a teus pés cahirão Nações prostadas.  
 Nem, decorrendo os annos,  
 Vacilará teu throno magestoso,  
 Teu sceptro, firme guia dos humanos,  
 Expulsará da terra vigoroso  
     As fraudes, os enganoso.  
     No teu Reino ditoso  
     A justiça, que amaste,  
 No mais alto lugar a collocaste;  
     E pois que poderoso,  
 Agrilhoada tens a iniquidade,  
 Deos te ungio co'as essencias d'alegria,  
 E te dêo sobre quantos te rodeão  
     O mando, a sob'rania,  
 E as venturas sem fim, que te premeão,  
 Quantas bençãos o Ceo prodigo entorna  
     Nesse ditoso estado!  
     Com que esplendor te adorna  
     A c'roa preciosa,  
     Manto real em cassia perfumado,  
     Na lagrima cheirosa,  
     Que huma arvore goteja,  
     E na Arabia aromatica he sobeja!  
 Que riquezas encerra o teu thesouro!  
 Como os cofres eburneos, cofres d'ouro,  
 Que estas alfaias guardão  
 Embalsamão as virgens do cortejo,  
 Regias filhas, que te honrão, que não tardão,  
 E seguem a que farta o teu desejo!

Todas são lindas, candidas, formosas,  
 Todas dignas de ser dos Reis esposas ;  
 Porém qual competir pôde  
 Em graça, beleza, agrado,  
 Com a que, junto a teu lado,  
 Agora vamos sentar !  
 O diadema, o sceptro, a mostrão,  
 As alfaias preciosas,  
 Essas roupas primorosas,  
 Que o gosto soube adornar.

CORO DAS VIRGENS.

Filha, escuta, presta ouvido  
 Ao dictame da amizade :  
 Não dês lugar no teu peito  
 Ao tormento da saudade,  
 Esquece a casa paterna,  
 Esquece o Povo querido.  
 O teu Rey por ti suspira,  
 Emprega nelle o sentido.

Do seu querer dependes, elle adora,  
 Desse teu rosto a graça encantadora,  
 He teu Senhor, teu Nume, fino amante ;  
 Seu amor não te esconde,

Sómente hum coração fiel, constante  
 A tão ditosa chama corresponde.

Virão as Tyrias Damas offertrar-te,

A purpura lustrosa,

A gente poderosa

Virá submissa ver-te, e hade invocar-te.

O rico véo que te cobre,  
 Os cabellos preciosos  
 Menos te ornão, Regia filha,  
 Que os teus dotes virtuosos.  
 Desse objecto, que te adora,  
 O maior thesouro he este:  
 Tua alma candida e pura,  
 O teu animo celeste.

CORO DE MANCEBOS.

Soltai os hymnos alegres,  
 Segui a vossa Rainha,  
 Ide ao Rei, gentis donzellas:  
 Para o templo s'encaminha.  
 Mas que alegres canções rompem os ares!  
 Que doces instrumentos,  
 Que applausos singulares  
 Revolvem no ambiente os mansos ventos!  
 Chega em fim esse instante venturoso,  
 Cessa de suspirar feliz esposo.

CORO DAS VIRGENS.

Pela Patria, e Pai que deixas,  
 Filhos o Ceo te hade dar,  
 Que das saudades, que sentes,  
 A dôr hão de consolar:

Filhos terás, que algum dia  
O mais vasto imperio rejão :  
Que aos vassallos dêem conforto,  
E aos Pais, os bens que desejão.

Os DOIS COROS.

Teu nome hirá triumphante  
Todos os tempos vencendo,  
De huma geração a outra  
Hirá com gloria descendo.  
Será por todos os póvos  
Altamente confessado,  
The aos extremos da terra  
Por elles sempre invocado.

---

## CANTICO DE MOISE'S.

*Cantemus Domino, gloriosè enim magnificatus est.*

**C**ANTEMOS o Senhor; que se engrandece  
 Partindo o mar, hum golfo immenso abrindo,  
 Derrubando cavallos, cavalleiros,  
     A gente submergindo,  
 Que ao encalço do Povo seu querido  
 Caminha a destroça-lo enfurecido.

E's minha força, oh Deos! o nobre assumpto  
 Dos melodicos hymnos, em que exhala  
 Minha vóz confortada, teus louvores:  
     Nenhum poder me abala,  
 A minha salvação de ti depende,  
 E o vigor do teu braço me defende.

E's meu Deos, cantarei a gloria tua:  
 Deos de meus Pais, oh titulo suave!  
 Quero em cantos sublimes exaltar-te  
     Em som agudo, ou grave.  
 Appareça o Senhor na pugna ingente  
 Como Heroe, he seu nome Omnipotente.



Qual roda a tempestade, vem rolando  
 Do Rei do Egypto o coche rutilante ;  
 O Senhor rasga o mar, nelle o arremessa  
     Co' exercito possante,  
 C'os Principes distinctos, e alliados,  
 Abre do abysmo a boca, e são tragados.

Quaes seixos, que accelera o pezo, descem  
 Ao fundo do mar roxo : a fortaleza  
 Da tua dextra, oh Deos! magnificaste.  
     Com qual gloria, e nobreza  
 Resgatas os teus servos dos perigos,  
 Depões com teu rigor seus inimigos !

Mandaste a tua colera, qual fogo,  
 Os perversos arderão como palha :  
 Do teu furor o espirito nas aguas  
     A fluidez atalha,  
 E no meio dos mares congregadas,  
 Em dois montes ficarão separadas.

Em vão disse o inimigo : heide segui-los,  
 Heide attingi-los, heide despoja-los,  
 Heide fartar meu peito de vingança,  
     C'o a propria mão mata-los,  
 Ensopar-lhes no seio a minha espada,  
 Que arrogante já vai desembainhada.

Hum rijo sôpro teu revolve as ondas,  
 O mar todos engole: vão ao fundo,  
 Como chumbo nas aguas arrojado,  
     Apaga-se-lhe o mundo ;  
 Vão no abysmo os audazes aggressores  
 Annullar para sempre seus furores.

Senhor! Quem como tu na fortaleza!  
 Quem como tu luzente em santidade!  
 Terrivel, e pasmoso em maravilhas,  
     Sumo author da verdade,  
 Tão justiceiro como enternecido,  
 Merece ser amado, e ser temido!

Estendeste a mão, e logo a terra  
 Submissa devorou os teus contrarios ;  
 Conductor do teu Povo o subtrahiste  
     A seus adversarios,  
 D'immensa mis'recordia circumdado,  
 Não consentes, que seja atribulado.

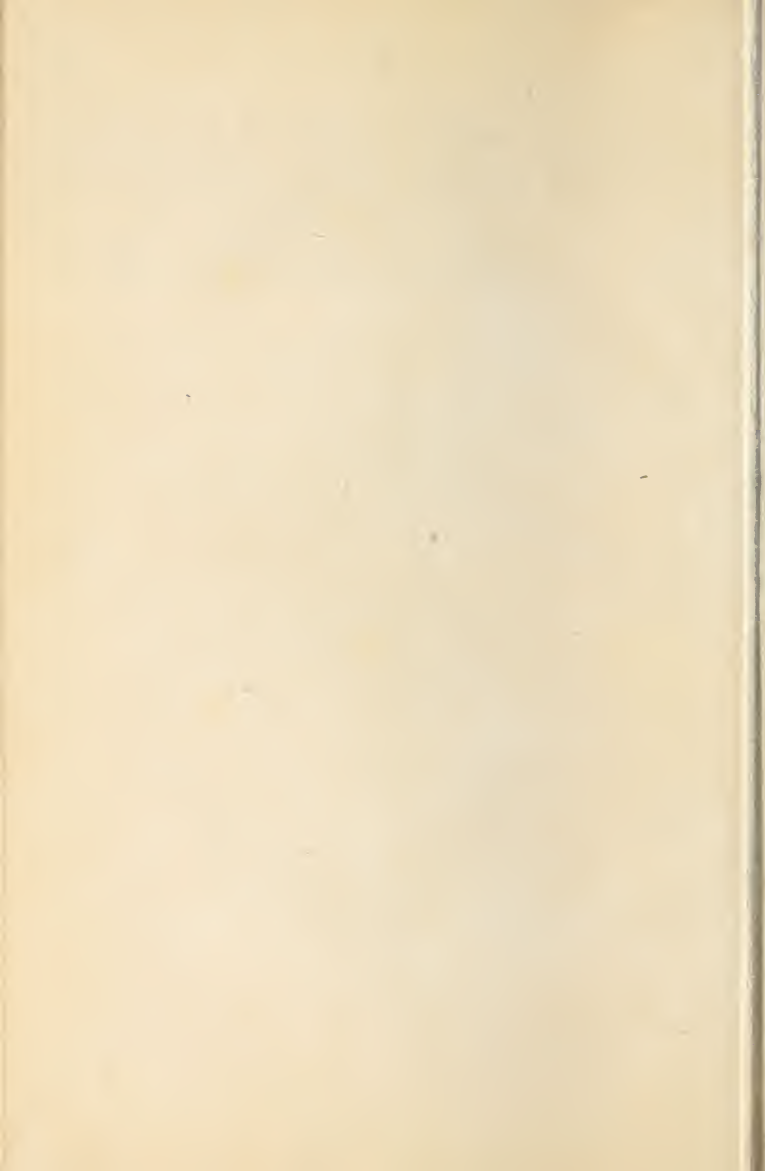
O teu alto poder o vai levando  
 A' terra prometida, e venturosa,  
 A' santa habitação, em que descance  
     Da vida trabalhosa ;  
 Sem que lhe obstem nações enraivecidas,  
 Gentes cruas, de medo espavoridas.

Serão da Palestina os habitantes  
 Cortados de pezar, e de cuidado:  
 E da Idumea os Principes valentes  
     Teimerão pelo estado:  
 Hão de ver-se os robustos Moabitas  
 Enfiados com susto de desditas.

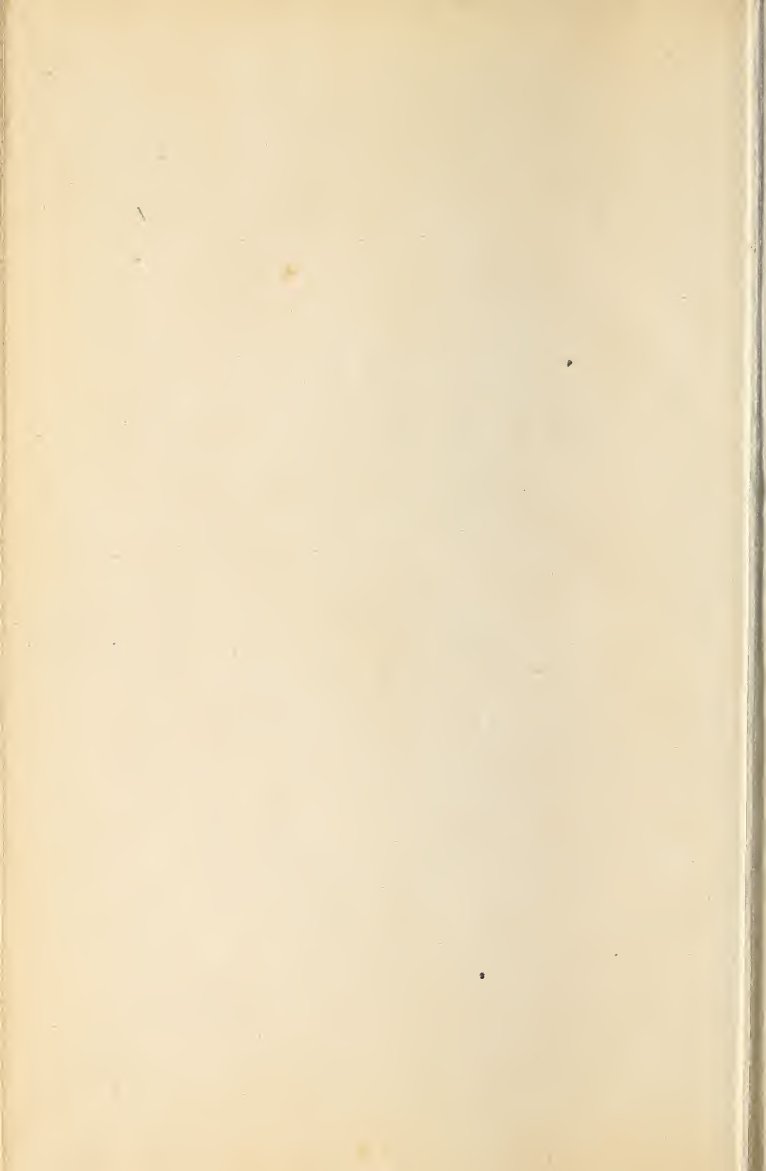
De toda a Chanaam os moradores  
 Se hão de involver n'hum triste desalento,  
 Que lhe enregele o sangue, e não os deixe  
     Com força ou movimento:  
 Solta, solta, Senhor, pavor, e medos,  
 Fiquem immoveis quaes duros penedos.

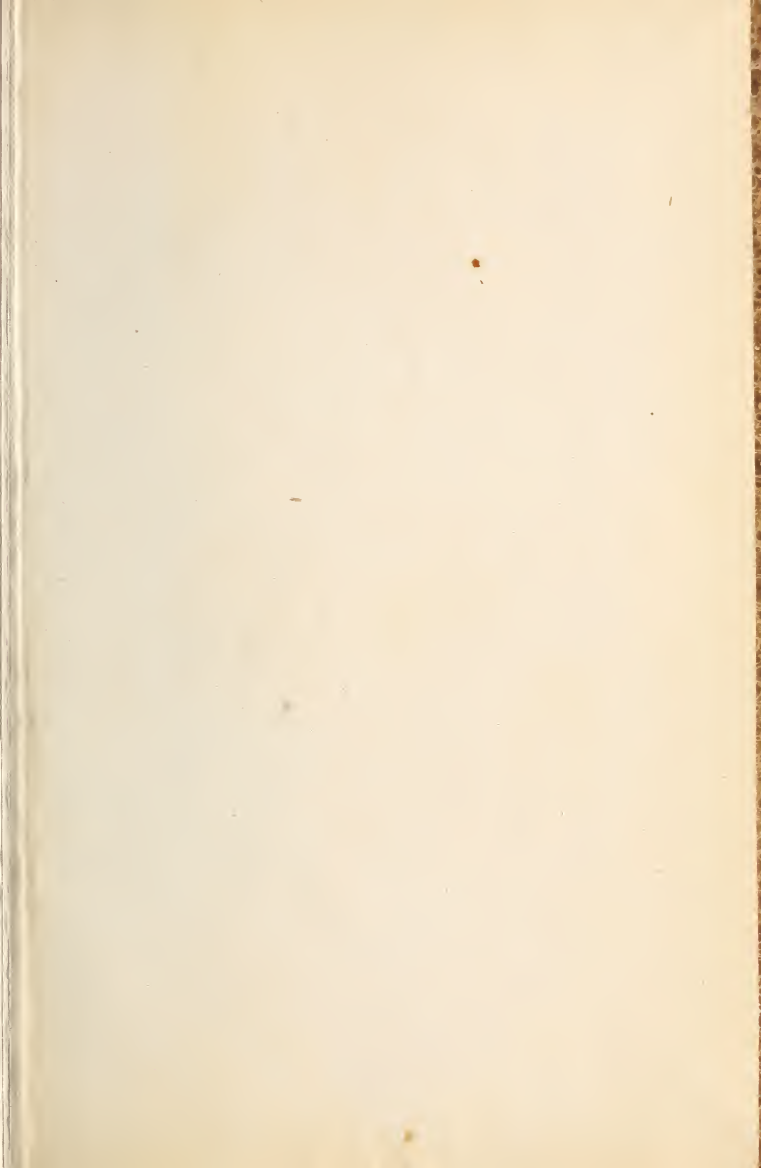
O teu Povo querido vai marchando,  
 E em quanto marcha, pare todo o insulto  
 Com respeito ao que a ti, meu Deos, pertence.  
     Vão levar o teu culto  
 Sobre o monte sagrado d'alliança,  
 E por ti collocar-se em tua herança.


Alli tu fundarás o lugar santo,  
 Que depois servirá para habitares:  
 Firmarás para sempre o Sanctuario  
     Onde sem fim reinares,  
 Excelso, santo, immenso, cuja idade  
 S'estende para lá da eternidade.











Deacidified using the Bookkeeper process.  
Neutralizing agent: Magnesium Oxide  
Treatment Date: June 2005

**PreservationTechnologies**  
A WORLD LEADER IN PAPER PRESERVATION

111 Thomson Park Drive  
Cranberry Township, PA 16066  
(724) 779-2111





LIBRARY OF CONGRESS



0 014 329 896 6

